

6 - A Reconquista do Divino

Abrindo parênteses: para se ter uma ideia da escala de tempo e da complexidade dos processos envolvidos no surgimento de uma raça mãe do ponto de vista ocultista, transcreve-se abaixo, trecho de um livro eminentemente esotérico (“O Sistema Solar” – Arthur E. Powell – Pensamento - 1993 – p. 228 – publicado originalmente pela Sociedade Teosófica em Madras, Índia, 1930). O processo descrito refere-se aos atlantes, mas corresponde a um modelo de procedimento aplicável à criação de qualquer raça-raiz (raça mãe). Neste caso, o texto diz respeito mais especificamente ao primeiro povo (sub-raça), o ramoahal, da quarta raça mãe, atlante.

“Cerca de um milhão de anos se gastou no estabelecimento do tipo racial, tomando-se muito cuidado e tendo-se muito trabalho para chegar a uma mediana semelhança com o tipo que o Manu se incumbira de produzir. Pode dizer-se que ele fundou, então, sem dúvida alguma, a Raça, encarnando nela e chamando os seus discípulos para tomar corpos em sua própria família, de modo que a sua posteridade formou a Raça. O Manu de uma raça, num sentido quase literal, é o seu Progenitor, pois toda a raça tem o Manu por antepassado físico.

Nem os descendentes imediatos do Manu, entretanto, tinham uma aparência muito atraente, embora representassem imenso aprimoramento em relação à população circundante” [dos últimos lemurianos] (...) “Ele mesmo modelou e afeioou seu corpo físico segundo seu corpo astral e mental, modificando o pigmento da pele até vê-la assumir uma coloração quase igual à cor designada para a Raça”.

Deve-se considerar que o texto acima foi publicado originalmente em 1930, antes portanto da perversa radicalização da questão racial, promovida pelo nazismo. O desvario nazista e sua derrota desmascararam o preconceito racista e desgastaram a conceituação racial; e indiretamente demonstraram o quanto é caduco, hoje, o falso sistema de valores evolucionais (transcendentais, sociais, culturais) baseados em caracteres físicos, entre os quais predomina o da cor da pele. No Ocultismo, o mestre que mais trabalhou para essa superação foi Henrique José de Souza.

Na Segunda Guerra Mundial, a Humanidade pagou um alto e cruento preço por esse precioso desmascaramento. Hoje, está provado que o conceito de “raça humana” não tem a menor base científica. O que existe é a espécie humana.

O moderno entendimento do Programa do GOM aponta para a formação de uma tipologia física universalizada, onde o preto, o branco, o amarelo, o pardo e o vermelho se mesclarão brevemente em um tom de pele que é tradicionalmente (nas profecias) chamado de “dourado”, com significado simbólico, referindo-se ao seu valor mental. Por um mau hábito verbal, ainda há ocultistas falando em “raça dourada”, quando “dourada” deverá ser a Humanidade como um todo.

Henrique José de Souza resolveu esta questão no plano do próprio Ocultismo, ao assinalar que “raça” no contexto humano caiu na obsolescência, isto é, este conceito envelheceu, apodreceu e morreu. Segundo HJS, hoje a Humanidade como um todo pertence ao que, por força da Tradição, ainda é designado como sendo a quinta raça-

mãe, ariana. Pouco importa que este ou aquele povo seja baixo, gordo, alto, magrice-la, branco azedo ou preto-azeitona. Todos os povos estão no mesmo estágio ou estado de consciência, que é aquele onde chegou a evolução humana até agora, globalmente. As diferenças – que existem – são individuais e não raciais. Além disso, HJS trabalhou intensamente, como escritor, ensaísta, educador e organizador, pela idéia de que a miscigenação sem qualquer preconceito é o caminho natural – e, portanto, evolucionar – para a superação definitiva da idiotice racista.

Negro que queira casar com loura ou louro que queira casar com negra (não esquecendo as recíprocas) não precisa ficar preocupado: em função da existência de genes recessivos, sempre haverá indivíduos com essas características. Falando sério: qualquer que seja a cor da pele aqui e ali, todo mundo será “dourado” no sentido de que o estado da consciência humana está chegando a uma equalização filosófica que certamente terá como consequência natural (e vice-versa) a equalização fisiológica; e onde as diferenças serão apreciadas como formas de enriquecimento da mente e do patrimônio genético de todos.

Mas voltemos à exposição do conceito de *manu*, que, em si, pode continuar válido e real na escala do presente e do futuro imediato. Devem ser guardadas as proporções em relação ao mesmo conceito em antigas sociedades patriarcais que se encontravam no estágio de organização tribal. O texto a seguir, francamente tradicionalista, é de Hernani M. Portela e V.H. Portela (Revista Dharana n. 15/16, 1960-61). Particularmente interessante é a enumeração que aí se faz, de grandes *manus* que a História reconhece, seja no plano dos fatos, seja como mitos.

*“Os Manus são os condutores ou plasmadores das raças e dos povos nascentes, aparecendo no início dos Ciclos, seja de Raças ou de Sub-raças, Ramos ou Famílias raciais. A tradição e a história da formação, da evolução e da decadência dos Povos são unânimes em afirmar a realidade dos Manus, a epopéia de um chefe primitivo, inspirado do céu, divindade humanizada, herói e guerreiro, ao mesmo tempo santo e patriarca. Em todos os tempos, em todas as latitudes apareceram, nas épocas necessárias, excepcionais condutores de povos ou Manus, tais como Mu-ká, preservando da catástrofe atlante as “sementes da nova humanidade”, Vaisvávata, à frente da vergôntea da qual nasceria a raça Ária; Rama, conduzindo os Celtas; Menés, dirigindo os Egípcios; Fo-Hi, orientando os Chineses; Odim, no comando dos Nórdicos; Abraão, à frente dos Hebreus; Moisés, dos Israelitas; Manco-Capac, dos Incas; Quetzal-Coatl, dos Aztecas; Itzama, dos Maias; Bochica, dos Chibchas; Tamu, dos Caraíbas; Sumé ou Tamandaré, dos Tupis, e outros guias excelsos a nortear a planetária peregrinação das mônadas (do grego **mono**, **uno**, **unitário**) pelos Itinerários de IO”.*

Após o longuíssimo período de calma evolucionar que se sucedeu à tempestade atlante, iniciou-se o trabalho de retomada da evolução na face da Terra. Para tanto, os Mundos Interiores, onde se refugiara a liderança atlante, intensificaram da presença dos avatares, seus emissários, aqui. Desde então, em cada episódio, as funções de avatara e de manu incorporaram-se no mesmo indivíduo.

Esta movimentação correspondeu a uma decisão do GOM, de resgatar o caráter sagrado da superfície. Sabe-se dessa decisão pelos seus efeitos: a partir do prenúncio dos tempos históricos, são muitos os *emissários* dos Mundos Interiores que encarnaram entre os povos daquela época. Chama atenção como, na enumeração de manus-avatars citados acima, salta-se de Vaisvávata, que viveu há cerca de um milhão de anos, para Menés, no Egito pré-dinástico, isto é, entre cinco e oito mil anos passados.

No meio tempo, tem-se notícia de raros manus. Dois deles foram Osíris e Pthah (Hermógenes ou Hilarião), ligados a Poseidonis - assim mesmo, só um pouco antes do afundamento da ilha. Ambos viriam a ser adorados como deuses no antigo Egito. Eles promoveram a retirada prévia de muitos dos habitantes de Poseidonis (os que lhes deram ouvidos), salvando-os da catástrofe local.

A decisão do GOM, de reativar plenamente o programa evolucionar na face da Terra, foi adotada depois do colapso final da civilização atlante em Poseidonis. Esta reativação implantou-se em três frentes: uma no Oriente (Índia), outra às portas do Ocidente (Egito e logo Grécia) e a terceira, um pouco mais tarde e bem mais para Ocidente (México e depois Peru).

O antigo Egito e a antiga Índia (Bharat) são tradicionalmente conhecidos como a mãe e o pai da Humanidade no presente ciclo, noção que está ganhando corpo nos estudos modernos, não-iniciáticos. Um forte sinal disto configurou-se no início da década de 90 do Século XX, quando tomou conta dos meios intelectuais norte-americanos e europeus uma polêmica sobre as fontes da cultura contemporânea.

O livro “Black Athena” (“Atenas Negra”), do americano Martin Bernal, professor da Universidade de Cornell, publicado em 1991, sustenta que os antigos egípcios eram um povo de pele negra. A implicação geral deste fato (e não a questão racial) é o que importa para nossa exposição, porque Bernal fez o seguinte raciocínio: se a civilização dos faraós foi a fonte da civilização greco-romana, sendo esta, por sua vez, a fonte da nossa, então a civilização atual dos americanos, dos europeus e, na globalidade contemporânea, de todo o mundo civilizado, teve por base e origem a contribuição cultural egípcia.

Na polêmica que se travou a seguir, não se duvidou essencialmente de que o Egito culturalmente é o berço da Grécia, e, portanto, do atual mundo judaico-cristão ocidental. Isto ficou como ponto relativamente pacífico, debatendo-se acirradamente “apenas” se os primeiros monarcas do Nilo e seus súditos eram negros, questão que não tem a ver com o tema deste livro.

Portanto, a Tradição ocultista e a opinião dominante não-ocultista vão tendendo a coincidir neste ponto: o Egito é culturalmente nossa avó, sendo a velha Índia o nosso avô, tendo nascido do cruzamento dos dois a cultura helênica (greco-romana) antiga, nosso pai e mãe.

É reconhecido pelos estudos profanos (acadêmicos, científicos, não iniciáticos) que várias correntes da filosofia grega beberam nas fontes da metafísica hinduísta clássica e do budismo esotérico, direta e indiretamente. A Teosofia resultou da fusão de

uma certa linha do pensamento grego antigo com as ideias que constituem o corpo da filosofia védica. Segundo Heródoto, andarilho e historiador grego do século V a.C., os nomes dos deuses da Grécia derivaram-se dos nomes dos deuses do Egito.

A mitologia dos povos que habitavam a parte do mundo hoje chamada de “as Américas do Sul e do Norte” é fecunda em relatos e lendas relativos a seres que vieram de longe, trazendo informações, sabedoria e, muito concretamente, tecnologia.

Um deles é o deus Quetzalcoatl, que foi cultuado ao longo de milênios pelos toltecas, maias e astecas. Sua lembrança estava perfeitamente viva ainda no Século XVI, quando o aventureiro espanhol Hernán Cortez chegou com sua pequena e arrasadora tropa.

Segundo a memória ancestral dessas culturas mesoamericanas, Quetzalcoatl foi um civilizador que lhes trouxe quase tudo o que possuíam em termos de conhecimento, a começar pela agricultura e o artesanato, terminando pela arquitetura monumental, aliás, caracterizada pela construção de pirâmides. Ele foi, portanto, um avatara.

O mesmo pode ser dito do mítico casal civilizador dos incas, o deus Manco-Capac e a deusa Mama-Occlo (Mama-Coya).

Estes personagens mitológicos mesoamericanos encobrem figuras históricas, de líderes ou até grupos de líderes aglutinados, na lenda, em um mesmo indivíduo. E, do ponto de vista ocultista, eram autênticos avatares (V. Cap. 5). Na escala de tempo da História, sua presença entre os habitantes da superfície é muito recente, contando-se em apenas alguns milhares de anos. Na realidade, podem ser considerados recivilizadores. Isto é: resgataram parte da cultura atlante perdida no cataclismo.

Os toltecas são tidos na tradição teosófica como o mais avançado dos povos (sub-raças) atlantes. Combinadas e cotejadas as informações de várias fontes esotéricas, não se chega a uma datação coerente, nem em si mesma, muito menos com a da Paleontologia ou da Arqueologia. Contudo, predomina a informação de que a Atlântida – continente e civilização – passou por quatro grandes cataclismos telúricos (colisão de asteróide, erupções vulcânicas, terremotos, maremotos).

Para a Arqueologia, os toltecas foram um povo de existência muito mais recente, datando o auge de sua civilização de um período entre os séculos X e XII da Era Cristã, na região central do atual México. Sua cultura se interpenetrou com a dos olmecas, cuja existência os arqueólogos modernos comprovaram como datando de uns 1450 anos A.C., e a dos Maias, que dominaram a América Central no primeiro milênio da Era Cristã.

Na terceira frente (México e Peru), o material humano utilizado foram povos atlantes remanescentes e a linha seguida foi a revitalização dos traços positivos da civilização perdida. Seus manus-avatares, já mencionados acima: Quetzalcoatl no México, e o casal manúsico-avatárico Manco Capac-Mama Occlo, no Peru.

A julgar pelos fatos, os planos do GOM incluíam o cruzamento da cultura ário-hindu (englobando praticamente toda a Ásia, inclusive a China) com a cultura atlante remanescente, reativada no Novo Mundo. O cruzamento cultural (e também genético) seria ensejado pela vinda dos europeus, com a ocupação por eles daquelas duas regiões (México e Peru) e de outras das Américas.

Deve-se considerar que, com o colapso da Atlântida, seus povos sobreviventes entraram em colapso cultural. Alguns regrediram, outros ficaram evolutionalmente estacionários durante muitos milênios. Esta meia pausa na aplicação do programa do Governo Oculto do Mundo parece ter coberto a área da superfície do Planeta como um todo, tendo o GOM considerado dessacralizada a face da Terra. Assim, as “sementes” da Raça Mãe ário-hindu (que se sucedeu à Raça Mãe Atlante), plantadas por Vaisvátata no Norte da Índia há 1 milhão de anos, parecem ter ficado numa espécie de estado de “animação-suspensa”.

No território da América do Sul hoje correspondente ao Brasil, havia povos que, sendo de remota origem atlante, encontravam-se em um estágio cultural involuído ao nível pré-civilizado. O principal deles era o tupi-guarani, e foi este o que mais interagiu com os europeus – mormente portugueses – que para cá vieram nos Descobrimientos.

O contato dos europeus com os remanescentes atlantes foi traumático. Certamente não fazia parte dos planos do GOM a destruição cultural e a verdadeira carnificina que se seguiram à vinda dos ários. Estes chegaram como conquistadores ao velho estílo, onde as novas “raças” submetiam e escravizavam à força as mais antigas.

Ambos os lados tinham seu nível e estilo de violência. A dos remanescentes atlantes era eminentemente de caráter ritualístico-religioso, sem ligação com interesses econômicos, territoriais ou de outro tipo utilitário, “prático”. Entre os astecas, praticava-se em larga escala um tipo de guerra que os antropólogos modernos têm dificuldade de entender. Uma tradução aproximada do nome desses combates na língua náuatle é “guerra das flores”. Delegações de duas cidades astecas reuniam-se e combinavam uma guerra, com datas certas para começar e terminar. O objetivo era cada beligerante capturar prisioneiros do outro, os quais seriam sacrificados em seus respectivos templos, em festivais religiosos marcados pela antropofagia de sentido mágico.

Já a violência bélica dos europeus ligava-se diretamente a interesses econômicos e territoriais. Havia também o pretexto religioso da “conversão dos gentios”, além da crueldade da Inquisição – esta, aliás, bem diferente da asteca. Entre os astecas, a vítima não era um réprobo, e sim uma espécie de herói vencido em combate.

Para a brutalidade da invasão espanhola comandada por Francisco Pizarro no Peru não houve sequer o pretexto de costumes violentos existentes entre os invadidos. Basta notar que na civilização dos Andes não se praticava a “guerra das flores” adotada no México.

Seja como for, o cruzamento cultural-genético se fez em todo o Novo Mundo, inclusive na América do Norte. Um pouco depois foi enriquecido pelo aporte dos povos africanos, inicialmente trazidos em massa como escravos e depois integrados à nova sociedade – embora de forma ainda não completamente resolvida.

O CAMINHO DA EVOLUÇÃO SEM O ABUSO DA VIOLÊNCIA

Pode-se fazer aqui uma interpretação que, sendo livre, baseia-se em indícios históricos e em informações esparsas, pontilhadas nos movimentos iniciáticos. (O Aurélio não registra esta palavra, *iniciático*, mas sim um seu sinônimo, “iniciatório”, na acepção de relativo à *iniciação*, sendo esta a “admissão em uma sociedade secreta como, p. ex., a maçonaria”).

O trauma da passagem do estado de consciência lemuriano-atlante para o estado de consciência ário parece ter motivado o GOM a procurar evitar o caminho da violência, trágica e tradicionalmente seguido pelos processos de transformação evolucionar.

Nos quinhentos anos transcorridos desde os Descobrimentos e as invasões europeias nas Américas, o estado de consciência da Humanidade caminhou – e continua caminhando – para uma equalização de valores, representando a busca do equilíbrio nas relações entre os povos. Este processo tem tudo a ver com a ascensão de um novo estado de consciência convencionalmente referenciado ao advento dos ários. Por entre contradições, vacilações e contramarchas, a civilização encaminhou-se para uma crescente rejeição à violência e ao instinto predador humano.

Tal tendência para o entendimento geral teve como ponto de partida a universalização da personalidade na espécie humana. Esta foi universalização - procurada e em muitos aspectos já alcançada - pela raça mãe ária, sendo esta em si, hoje, como já vimos, universal. Isto se tornou possível com o pleno desenvolvimento do mental e da alma pessoal, que em conjunto com o físico e o energético, como já se viu, constituem a Personalidade.

Em benefício da clareza da exposição, convém lembrar aqui alguns pontos já abordados.

Na Lemúria, os seres – que seriam mais bem qualificados, na maioria deles e na maior parte de sua trajetória, como pré-humanos - não chegaram a passar plenamente do estágio de alma-grupo (horda, tribo, clã, cidades-aldeias), com um mental rudimentar. Só os humanos “divinizados” tinham algo que se poderia chamar de personalidade. Surgiu e firmou-se em todos o sentido da visão. Os primeiros sentidos incorporados pelo projeto do ser humano foram a audição e o tato, nas duas primeiras raças-mães adâmica e hiperbórea.

Na Atlântida, começou a ganhar presença a função mental estritamente baseada nas informações dos sentidos (mental concreto), com forte intromissão do veículo anímico (astral). que então se expandia. Por isso que eles eram também sensitivos. A per-

sonalidade tornou-se um atributo potencialmente acessível a todos, ficando a capacidade de abstração como atributo de uma minoria. Apareceu o paladar.

Com os ários ou arianos, chega à plenitude a função mental concreta, já começando a abrir-se para o abstrato sob a influência de Buda-Mercúrio, o Senhor do desenvolvimento intelectual das criaturas humanas. A personalidade foi universalizando-se, processo que se completou muito recentemente, com a Revolução Francesa. Até então, formalmente, só o membro da família real, da casta sacerdotal (alto clero) ou da nobreza tinha personalidade. Com a Revolução, o direito a ter personalidade assumiu feição institucional, jurídica. Firmou-se o sentido do olfato.

Antes do “renascimento atlante” no Novo Mundo, desenvolviam-se no Velho Mundo as duas grandes culturas que, cada qual a seu modo, dedicavam-se a resgatar o caráter sagrado da Face da Terra: a civilização indo-chinesa e a civilização egípcia. Esta tinha ligação com a antiquíssima civilização tolteca, fonte também das culturas asteca e inca que floresceriam pouco depois daquela do Nilo.

De certo modo em compasso com esses movimentos, floresceu ainda uma outra civilização que atingia o auge quando a dos egípcios começava: a dos sumérios, depois destruída pela invasão dos semitas e sucedida pela dos assírios, de língua semítica.

É preciso registrar-se aqui, mais uma vez, que a escala de datas do modo ocultista de se contar a História, além de contraditória em si mesma em alguns pontos, não “bate” com a visão acadêmica.

De qualquer maneira, parece não caber dúvida de que, depois do primeiro e maior cataclismo atlante, há 850 mil anos, a Evolução entrou em um prolongadíssimo compasso de espera em escala mundial. Muita coisa foi lentamente acontecendo nesse meio tempo, em várias partes do mundo – inclusive no planalto central brasileiro, onde, segundo a Tradição, existiu uma cultura pós-Atlântida que conservou sua identidade e continuidade de memória durante nada menos que 200 mil anos. Isto exemplifica o ritmo evolucionar extremamente vagaroso que caracterizou o período.

Para o presente texto, o que importa é a reentrada da Evolução em um ritmo bem mais marcante, com a entrada em cena das civilizações ligadas à raça mãe ária, fecundadas pelo trabalho dos avatares. Importa também a tônica dessas culturas, com sua vocação para a filosofia e a especulação intelectual ligada ao mistério da vida e do Cosmos. Isto se tornou possível graças ao avanço do mental e do anímico.

E é curioso notar um determinado contraste entre os egípcios de um lado e os hindus e chineses, de outro. Os egípcios empenhavam-se na valorização da alma como veículo objetivo, quase material. Chegaram ao exagero da tentativa de alcançar a imortalidade pela mumificação do defunto junto com processos mágicos para a perpetuação de seu *duplo*. Já os indo-chineses atingiram um nível de especulação filosófica tão radical que eles chegaram a menosprezar as necessidades físicas (principalmente na Índia), criando a fome endêmica e crônica e promovendo uma espécie de mumificação filosófica.

Os motivos para esse prolongado interregno na Evolução estariam em duas circunstâncias básicas: primeiro, a liderança da Atlântida retirou-se (para se livrar do cataclismo), deixando um vazio de poder espiritual, moral, mágico e político; depois, a guerra mundial atlante e o desvio do eixo do planeta provocaram um derramamento de energia negativa, anímica e telúrica, com destruição e degradação do meio ambiente, além de depredação do aura da Terra.

A retirada dos líderes da Atlântida foi como um “êxodo dos deuses”, realizado em decorrência da invasão da Oitava Cidade e comandado pelo sumo-sacerdote Mu-Ka. Os retirantes encontraram no interior do Planeta um ambiente muito diferente daquele da superfície – conforme descrito no Capítulo anterior.

Os Mundos Interiores também têm uma História, que é mantida quase completamente oculta. O que se pode dizer, montando um mosaico de informações de diferentes fontes, é que os “imigrantes”, ao chegarem às regiões internas, necessitaram passar também por um longo período de adaptação. Esta envolveu as condições de vida nos mais diferentes aspectos, do ambiental ao psicomental, passando pela configuração astrológica e magnética.

Há muito tempo, completada a ambientação dos humanos nos Mundos Interiores, há indícios de que a mesma levou a um andamento evolucionar de lentidão comparável à que se observou na Face da Terra após o grande cataclismo, mas por outras razões. As condições interiores do planeta, caracterizadas pela quase integral estabilidade, conduziram a uma espécie de acomodação evolutiva. Também, nos níveis mais interiorizados de Agartha, a matéria está tão sutilizada que as contradições e os atritos característicos da vida material são extremamente minimizados.

Uma versão no mínimo curiosa aventar a hipótese de que muitos seres agartinos, espíritos profundamente evoluídos, sentem uma gradativa estagnação de sua própria espiritualidade. Seria uma decorrência da inatividade em que ficam na paz dos Mundos Interiores. Estes seres decidem voltar ao caldeirão da Face da Terra, como se fossem “atletas da consciência”. Não querem perder a forma, a qual, para eles, está intimamente ligada ao exercício do amor-sabedoria. Assim, encarnam em veículos plenamente humanos no nível da superfície e vêm trazer informações e conhecimentos, traduzindo-os em experiências no meio da Humanidade, cuja evolução ajudam pelo mesmo fato. Sendo um ato de amor universal, atende também ao legítimo interesse *particular* da respectiva mônada – sem contradição, desde que a mesma é, afinal, uma *partícula* do Todo.

O espírito do ser que vem como avatara não “precisa” mais reencarnar, porém decide fazê-lo para poder cumprir uma tarefa na esfera da Evolução humana, ativando algum aspecto do Programa do GOM. Assim, acaba também evitando que o mesmo fique prejudicado ou indefinidamente adiado.

O processo da avatarização é complexo e misterioso. Envolve uma forma de “encarnação” ou “reencarnação” que não tem a ver com a Roda de Samsara. Este é o nome budista-hinduísta da série de nascimentos e mortes pela qual passa carmicamente o

ser humano. A encarnação ou manifestação avatárica se dá no plano do mental superior, perto do nível espiritual, com pouca ou nenhuma interferência do carma no sentido simplesmente humano..

Etimologicamente, o vocábulo *avatar* (*avatá, avatara*) provém do sânscrito: *ava*, “descida”, mais *tara, tharah, taro (tao ?)*, “Lei” ou “caminho”. Na religião hinduísta, é a “descida” ou encarnação de um ser divino. No Ocultismo, é “manifestação do Espírito de Verdade”.

Um avatar pode ser total, parcial ou momentâneo. De um personagem como Tamandaré, presente no imaginário dos índios brasileiros na época do Descobrimento, diz-se que foi um “pequeno” avatar, enquanto aquela outra figura também indígena, o Sumé, foi “grande”.

Para nosso tema, importa lembrar que o berço terreno de um desses seres torna-se uma terra sagrada. Como já vimos a eclosão da Raça Mãe ariana na Mitologia e na História sincronizou-se com a multiplicação de tais manifestações avatáricas em várias partes do mundo. Patenteou-se que foi acelerada a execução de um Programa, que pode justamente ser chamado de “o Programa dos Avatares”, correspondendo à decisão agartina de trabalhar pelo resgate do caráter sagrado da superfície da Terra.

A região do Trans-Himalaia, que se estende da grande cordilheira (na fronteira entre a Índia e o Tibete) ao deserto de Góbi (na Mongólia) foi o primeiro teatro de operações dos indo-arianos. Pode-se concluir que sua escolha prendeu-se a fatores ocultos, mas também a duas circunstâncias reconhecíveis: a região tinha estado fora da área abrangida pela civilização atlante e, portanto, isenta dos reflexos negativos da hecatombe; e era uma área de montanha, sabendo-se pela Tradição e a crônica que as terras altas vêm sendo o berço preferencial de grandes civilizações com inspiração mística.

MONTANHAS E MOSTEIROS NAS TERRAS MAIS SAGRADAS

A mitologia de cada povo ou movimento tem sua montanha ou elevação sagrada referencial: Olimpo (dos gregos antigos), Meru (dos hinduístas), Sinai ou Horeb (dos hebreus), Alborj (dos persas antigos) Pottala (dos tibetanos), Moriah (dos maçons), monte das Oliveiras e Gólgota (dos cristãos), Sierra Madre (dos aztecas), Machu-Picchu (dos Incas), Fuji-Yama (dos japoneses), as Sete Colinas do Lácio (Roma), Shashtra (EUA), Alpes (dos franco-normandos), Sintra (Portugal), Salvat - do Graal (Inglaterra), Roncador e Mantiqueira (Brasil) etc. etc. Entre os antigos egípcios, o papel da montanha era desempenhado pela Grande Pirâmide.

O Tibete, situado na parte mais montanhosa dessa região, onde se encontra o Evereste (no vizinho Nepal), ponto mais elevado do planeta e por isso chamado o Teto do Mundo, tornou-se o território do povo mais identificado com a tônica do ciclo indo-ariano então novo – hoje, esgotado. Constituiu-se no Tibete a Hierarquia dos Budas-Vivos, expressão direta de Sudha Dharma Mandalam, a Grande Fraternidade Branca (outro nome do Governo Oculto do Mundo). O Tibete organizou-se como uma teo-

cracia budista esotérica, ocultista (supra-religiosa), baseada no poderio (espiritual e temporal) da casta dos lamas, sacerdotes (na face da Terra) do Rei do Mundo, o soberano dos Mundos Interiores, personificado no mundo humano pelo Buda Vivo. O Dalai-Lama (sumo-sacerdote governante, sediado no palácio do Potala, em Lhasa, capital tibetana) e o Traishi-Lama eram os suportes esotéricos do Rei do Mundo, na função de Colunas.

O budismo-lamaísmo do Tibete inspirou a transformação espiritual indo-ariana no Trans-Himalaia. E, apoiada na grandeza cultural e territorial da vizinha Índia, a metafísica ocultista indo-ariana espalhou-se pelo mundo. Primeiramente, sua influência chegaria à Mongólia e China. Na Mongólia, bem mais tarde surgiu um lamaísmo nos moldes tibetanos e também ligado à hierarquia de Budas-Vivos.

Na concepção tibetana, no nível de revelação então permitida à Humanidade da Face da Terra, a capital dos Mundos Interiores, Shamballah, encontrava-se no Himalaia. O romance “Horizonte Perdido” (*Lost Horizon*), de James Hilton, chama de Shangri-Lah o santuário central do espiritualismo lamaísta, um recanto paradisíaco de paz, sabedoria e harmonia, onde não havia a doença nem a morte, escondido em algum lugar da grande cordilheira, entre as neves eternas. O britânico Hilton seguiu a linha de informação que fez o escritor iniciático Campanella, em “A Cidade do Sol”, dar o centro do poder espiritual como situado em “um país distante”. A primeira referência à localização da sede do Governo Oculto do Mundo no interior da Terra foi feita por Alexandra David-Neel, a andarilha e ocultista belga (1868-1969). Sem se referir diretamente aos Mundos Interiores, ela informa sobre um povo de sábios que habitava imensas cavernas debaixo do Himalaia. (A impressionante trajetória de Alexandra é abordada no Cap. 9).

À guisa de ramificações da Grande Loja ou Fraternidade no mundo humano, sendo em realidade a projeção do Governo Oculto do Mundo (GOM) na face da Terra (na época, centralizado no Tibete), fundaram-se 22 santuários espalhados por vários continentes. Os atos de fundação ocorreram em épocas às vezes separadas entre si por séculos, do quinto milênio a.C. ao ano de 1921 da Era Cristã. Muitos eram templos e outros mosteiros. Alguns deles não chegaram a ter existência objetiva. Todos, centros de força espiritual. Cada um foi ou é (vários ainda estão ativos) o ponto focal de uma terra sacralizada por sua influência.

Na linha oriental, a Tradição do GOM indica 22 mosteiros e fraternidades à guisa de ramificações da Grande Loja (outro nome da Grande Fraternidade) no mundo humano ou terreno: **Índia** – Srinagar, Simlar, Cartock, Ladak, Leh; **Mongólia** – Urga, Naringol; **Tibete** – Tjigad-Jê, Lhasa; **México** – Chichen-Itza; **Peru** – Macchu Pichu; **Egito** – El Kaira, Karnak, Luxor; **Líbia** – Kaleb; **USA** – El Moro; **Líbano** – Monte Líbano e Baal Beck; **Brasil** – Boassucanga (região de Vila Velha, no Paraná); Parimã ou Manoa, Cidade dos Tetos de Prata, o Eldorado (região da Serra de Roraima, em torno da Pedra Pintada); Teresópolis (Estado do Rio de Janeiro, região relacionada com Badezir (rei fenício imigrante); Matatu-Araracanga (significando, na língua tupi, “cabeceira das arararas”), que tem ainda o nome de Cidade dos Telhados Resplandecentes, lugar central da saga do Coronel Fawcett (região da Serra do Ronca-

dor, em Mato Grosso); Moreb (em São Lourenço, sul de Minas), conhecida pelos moradores como Montanha Sagrada.

Vê-se que, no encadeamento dos lugares sagrados, a movimentação não é estanque. Passado, presente e futuro coexistem. Quando uma etapa chega ao auge, já está em preparação a etapa seguinte.

Note-se que, desses 22 santuários espalhados por nove países, o Brasil tinha quatro e a Índia cinco, quase a metade. Hoje, com a ativação (há 100 anos) de um ponto na Ilha de Itaparica, o Brasil é sede de cinco, o que por si só indica a relevância de sua posição nesse quadro.

Contudo, o mapa dos centros de atuação do GOM no mundo começou a mudar radicalmente em 1875, quando Helena Petrovna Blavatsky e Henry Olcott saíram da Inglaterra e da Índia e instalaram a Sociedade Teosófica em Nova Iorque, EUA. (V. Cap. 8).

A sequência dos acontecimentos mostra claramente que Blavatsky e Olcott tinham a missão de transferir o pólo do movimento espiritualista-ocultista, então situado no Oriente, para o Ocidente. O grande lema esotérico *ex-orientis Lux* (“a Luz vem do Oriente”) devia ser substituído pelo *ex-occidentis Lux* (“a Luz vem do Ocidente”).

É preciso notar que, em 1875, os EUA estavam longe de ser a potência em que se transformariam a partir do início do Século 20. Não há como negar que, ao decidir centralizar ali o movimento ocultista até então sediado na Índia, a fundadora da Sociedade Teosófica e seu principal colaborador já sabiam da perspectiva da ascensão norte-americana. Sabiam também que as duas bases territoriais e políticas do lamaísmo supra-religioso (a Mongólia e o Tibete) iriam entrar em crise terminal dentro de algumas décadas.

Na Mongólia, o Buda-Vivo Bogdo Gegen foi entronizado depois que a nobreza local libertou o país dos invasores manchus, em 1911. Em seguida houve uma intervenção militar chinesa, derrotada pelos russos brancos, que por sua vez perderam para o Exército Vermelho em 1919. O reinado do Buda Vivo mongol acabou em 1924, quando Bogdo Gegen desencarnou e abriu-se o caminho para a instalação plena do regime comunista. Pouco antes de desaparecer, ele anunciou que a série de Budas-Vivos orientais chegava ao fim, e que o próximo Buda-Vivo nasceria no Ocidente, iniciando uma nova fase na Evolução.

A antecipação, feita pela *intelligentzia* do GOM, do fim da liderança espiritual oriental, se confirmaria também no Tibete, pouco depois: a China invadiu o país dos lamas em 1950 e derrubou o poder teocrático, corroborando a queda tibetana, que filosófica e culturalmente já vinha de antes. Os lamas ainda afinados com a Programação já sabiam, aliás, que sua terra perderia a liderança espiritual, tanto que havia profecias anunciando a transferência de tal liderança para o Novo Mundo, com destaque para os EUA e depois o Brasil (V. Cap 1). Àquela altura, grande parte do clero lamaísta tinha entrado em decadência espiritual, repassando ao povo materialmente empobre-

cido uma religião voltada para a magia utilitarista, mediante cultos a demônios criados pelo animismo.

Preparada para superar o marcapasso espiritual que há séculos acometia o lamaísmo tibetano e o orientalismo em geral, a Teosofia preparara-se para ser a implementação da resposta ao problema da continuidade do Programa do GOM. Tal resposta na realidade vinha sendo armada desde o Século XIV, nos tempos da Escola de Sagres em Portugal, cuja ação abriu o caminho para as grandes navegações e o descobrimento do Novo Mundo, na Missão Y.

Desta forma, sendo Blavatsky considerada um avatara (expressão de uma consciência dos Mundos Interiores), a cidade de Nova Iorque beneficiou-se do influxo de sua presença, tornando-se de certo modo uma terra sagrada. Em um desses paradoxos da Evolução, depois que Blavatsky e Olcott, pela forte resistência encontrada principalmente na opinião religiosa, tiveram de desistir de seu projeto nos EUA, retirando-se para a velha Índia, a grande cidade não perdeu o impulso, pelo menos na rota profana. Viria a tornar-se o que é hoje de fato, a capital econômica e cultural do mundo profano.

É preciso destacar-se que, na marcha para o Ocidente, a Tradição do GOM, em diferentes momentos da Antiguidade, geraria outros movimentos transcendentais, a oeste da Índia, como o dos Magos da Pérsia (Irã).

Igualmente notável é o misticismo ocultista da Ásia Menor antiga. na linha sucessivamente praticada pelos sumérios, hebreus e judeus, a qual viria a redundar na tradição de Hiram Abif e Salomão (com repercussão na índole templária da Maçonaria) e na Cabala.

O Governo do Mundo começou como uma escola de iniciação, *Suddha - ou Zuddha - Dharma Mandalam*, significando na realidade “Confraria da Pura Lei”, mais do que “Grande Fraternidade Branca”, sendo esta a denominação usual adotada no Ocidente. A palavra “branca” induz, no caso, a más interpretações preconceituosas e aliás sem nenhum fundamento, pois Rigden-Jieppo (até recentemente, Rei do Mundo), dirigente de Suddha Dharma Mandalam, era etíope e negro.

Ali se estudava e se vivenciava o Programa Cósmico em execução sob a inspiração emanada do Supremo Arquiteto do Universo no seu aspecto de Logos criador. Com o tempo e o trabalho, as escolas iniciáticas foram se sucedendo e se multiplicando pelo mundo e ao longo da História.

Todas se situam na linha da Tradição do (atualmente) Governo Oculto do Mundo (GOM). Cada uma delas é, em algum nível, continuadora de Zuddha Dharma Mandalam (também chamada de Círculo dos Irmãos da Pureza).

Eis algumas de seus nomes, com a possível e involuntária omissão de algum. Aqui mencionam-se indistintamente ora os nomes das escolas, ora de seus Mestres fundadores e suas ordens ou confrarias. Leva-se em conta, aproximadamente, a cronologia, sem esquecimento da eventual simultaneidade:

Sete Reis de Edon, Sanctus Sanctorum, Ordem do Santo Graal, Vaisvávata, Osíris, Hermés, Fo-Hi, Lao-Tse (Kung-Fu Tse), Ordem de Melkisedek, Abraão, Moisés, Akenaton ou Khunaton (Ordem Rosacruz dos Andróginos), Salomão (Maçonaria Construtiva dos Três Mundos), Cabala, Zaratustra (Colégio dos Magos), Patanjali, Tantrismo, Gautama O Buda, Lamaismo Tibetano, Lamaismo Mongol, Pitágoras, Platão (República Platônica), Aristóteles (Escola Peripatética), Essênios (ao tempo de Jesus), Odin (os Ases), Quetzalcoatl, Manco-Capac, Aztecas Cabalistas (Chichén-Itza), Ordem dos Teurgos, Sufis, Ordem dos Irmãos Africanos (Cavaleiros de Albor-di), Carlos Magno (Doze Pares de França), Rei Artur (Cavaleiros da Távola Redonda), Druidas, Monges Construtores, Ordem dos Templários, Sociedade de Kaleb, Franco-Maçonaria, Christian Rosenkreutz (La Fama Fraternitat), Rosacruz (moderna), Ordem de Mariz, Ordem dos Templários, Ordem de Malta, Saint-Germain, Kerdécismo, Sociedade Teosófica, Gurdjieff, Krishnamurti, Sociedade de Thule, Gnose, Eubiose.

A listagem acima não pretende incluir todos os nomes, mas tão-somente indicar, com a aproximação possível, a incontável multiplicidade de movimentos, instituições e associações de pessoas que de algum modo cultivam (às vezes sem a assumirem) a Tradição do GOM. Tal multiplicidade é ainda maior na presente virada do milênio.

De um modo geral, cada uma dessas “marcas” ligou-se a um certo lugar, uma certa referência geográfica, então considerada como sendo ou tendo sido uma das Terras Sagradas.

Vários desses movimentos mantêm ou mantiveram templos devotados a um magnífico aspecto da Tradição, de origem atlante, reativada pelo Cristianismo na Idade Média: a Demanda do Graal, a busca do recipiente (uma Taça) onde José de Arimatéia recolheu o sangue do Crucificado no Gólgota. Numa concepção ecumênica, ali foi virtualmente depositado o sangue de todos os Avatares, já a partir do colapso da Atlântida.

Tradicionalmente o Santo Graal é uma poderosíssima fonte de energia mental que impulsiona o progresso tanto espiritual quanto material do lugar onde se encontre na face da Terra. Trata-se, portanto, de um supertalismã, um inestimável tesouro.

No Apocalipse de João são apontadas as sete Igrejas do Oriente: Éfeso, Smyrna, Pérgamo, Tiátira, Sardes, Filadélfia, Laodicéia (e a oitava, Jerusalém) - ligadas ao mistério do Santo Graal.

As Igrejas do Ocidente, relacionadas pela Tradição do GOM ao mistério do Graal: Santa Maria Maggiore, em Roma (Itália), Catedral de Bruges (Bélgica), Abadia de Westminster (Londres, Inglaterra), Sé Patriarcal (Lisboa, Portugal), Catedral do México (cidade do México), Catedral da Sé (Salvador, Bahia, Brasil). Em São Lourenço (MG, Brasil), foi construído pela Sociedade Brasileira de Eubiose um templo dedicado a todas as religiões do mundo, onde se cultua a memória da Taça.

Cada um destes centros (templos, mosteiros e catedrais) assinalou e ativou, no seu tempo, uma Terra Sagrada.

Toda esta movimentação, que como se viu começou ainda nos remotos tempos lemu-rianos e atravessou a era atlante, chegando à época ariana, configura a trama urdida pelo GOM, preparando o cenário para a época moderna, onde nos encontramos. E que por sua vez é a antessala de grandes transformações - já em curso - no Brasil e no mundo.